

Sindicato critica fragilidade dos colégios públicos

O projeto de novas escolas não encontrou resistência no Sindicato dos Profissionais do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) — tradicional opositor dos programas oficiais para a educação paulista. "As escolas de hoje são mesmo horrorosas e frágeis", enfatiza o presidente da Apeoesp, João Felício. "Mas os novos projetos não devem cair no erro do luxo exagerado", observa Felício.

As novas escolas custarão até 20% mais do que as construídas hoje. A construção de cada colégio custa, em média, Cr\$ 400 milhões. Desse valor, 5% correspondem ao projeto preparado pelos arquitetos. A FDE considera que não haverá aumento significativo de custo com os novos projetos.

De acordo com o presidente da FDE, Antônio César Callegari, a escolha dos arquitetos é feita entre cerca de 150 profissionais pré-qualificados, ou seja, cadastrados e considerados aptos para realizar obras pela FDE. Conforme Callegari, esse tipo de serviço especializado, que tem preço fixo, dispensa licitação. Assim, os arquitetos são convidados para executar o trabalho.

Falta de vagas — A FDE espera que o dinheiro economizado nas reformas freqüentes compense o aumento de custo. Hoje a secretaria está realizando reformas em cerca de 20% da rede.

A fundação deve construir 150 escolas em 1992. As primeiras nove construções do projeto atual serão localizadas na periferia da Grande São Paulo.

A expansão da rede física consome uma das maiores fatias do orçamento da Secretaria da Educação. Cerca de 90% dos gastos da FDE são destinados à reforma e construção de escolas. Mesmo assim, estima-se que falem dez mil salas no Estado de São Paulo. Ao mesmo tempo, pela má distribuição, existem seis mil vagas ociosas.